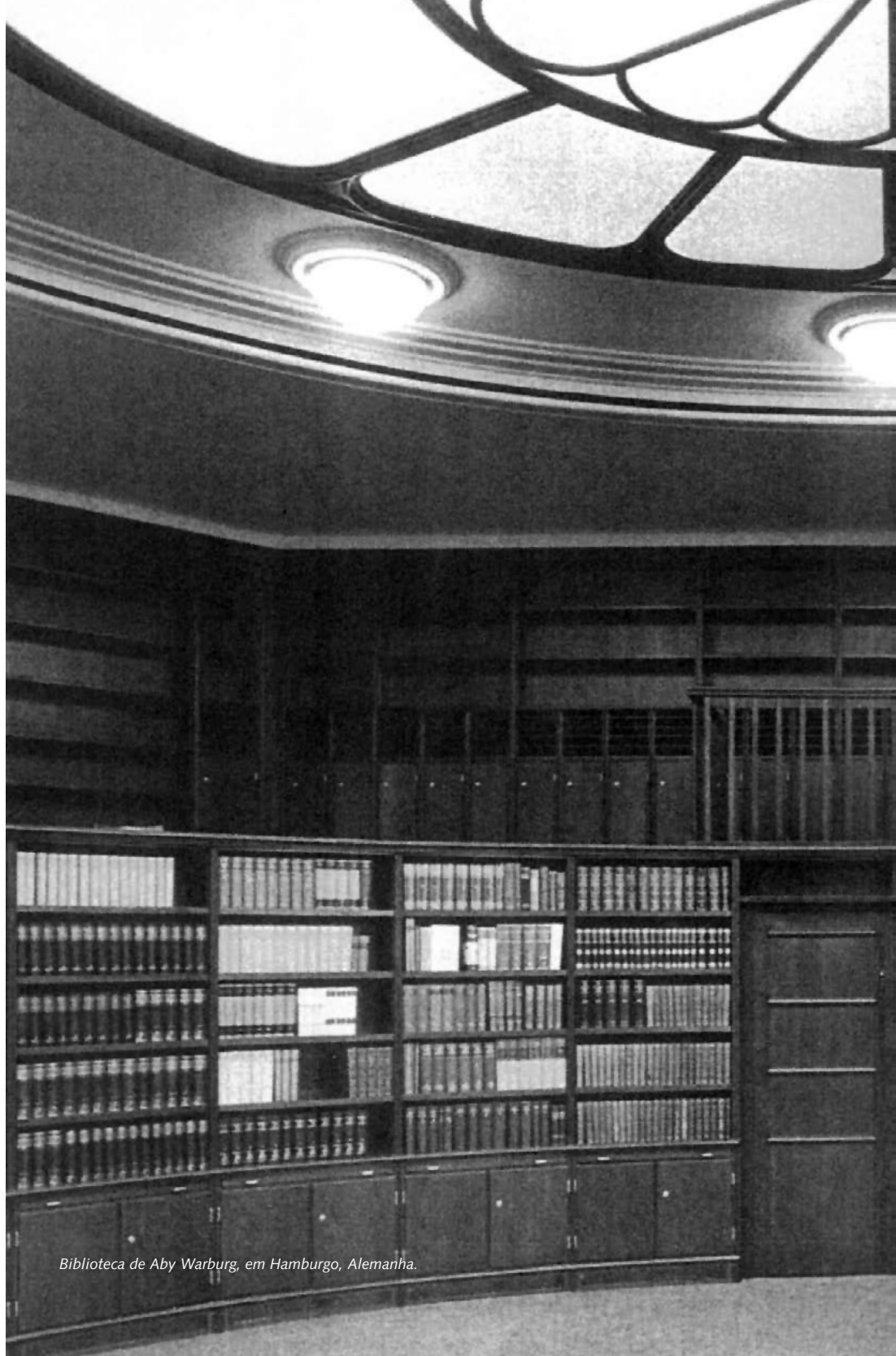
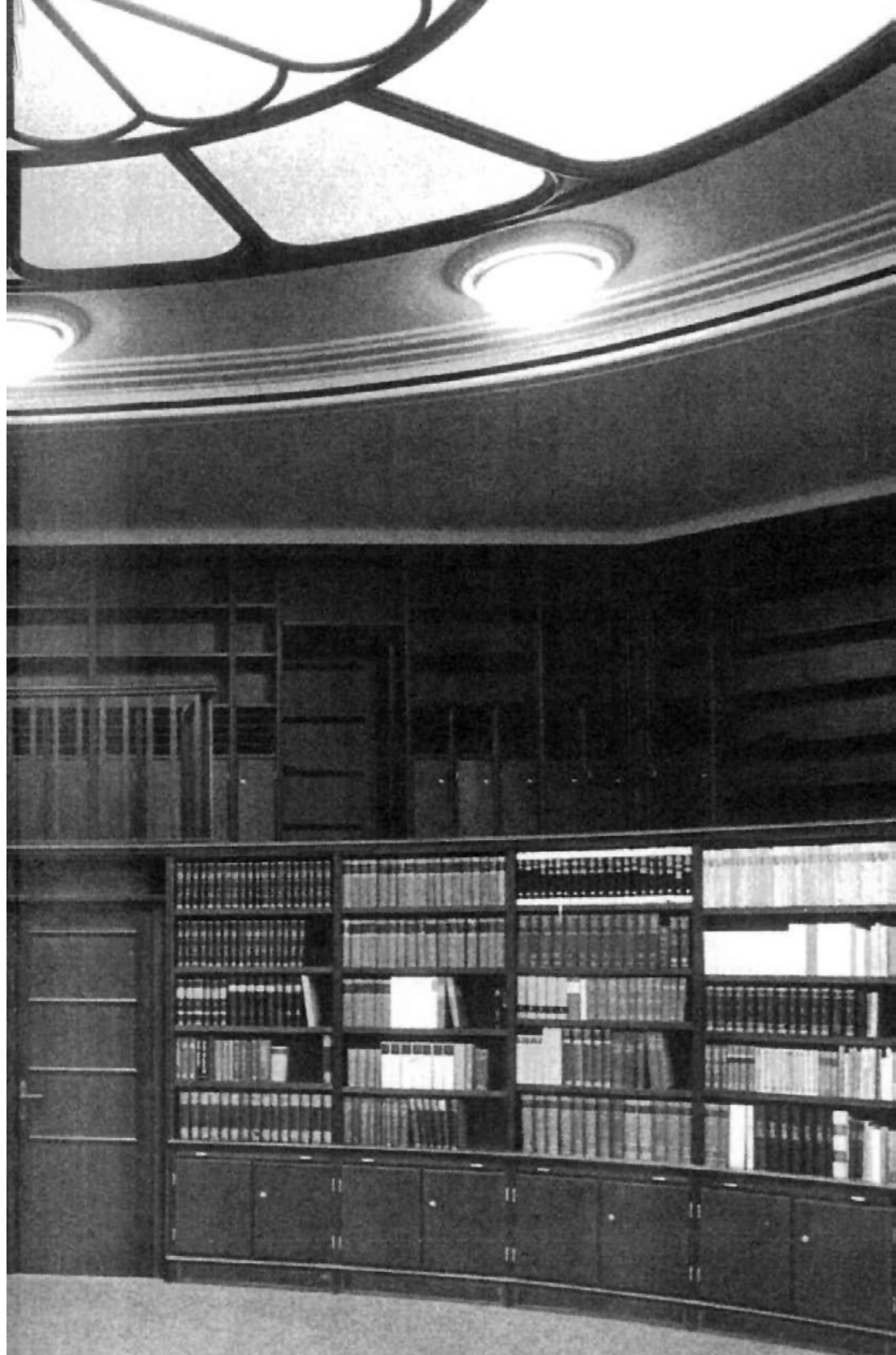




A BIBLIOTECA À NOITE



Biblioteca de Aby Warburg, em Hamburgo, Alemanha.



Alberto Manguel

A
BIBLIOTECA
À NOITE



TRADUÇÃO DE
Rita Almeida Simões

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V I

© 2016, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *The Library at Night*
© Alberto Manguel
c/o Schavelzon Graham Agencia Literaria, S.L.
www.schavelzongraham.com

Título: *A Biblioteca à Noite*
Autor: Alberto Manguel
Tradução: Rita Almeida Simões
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2016

ISBN 978-989-671-340-9
Depósito Legal n.º 414 767/16

*No século XVI, o poeta otomano Adbüllatif Çelebi,
mais conhecido por Latifi, chamou a cada livro da sua biblioteca «um
amigo verdadeiro e carinhoso que afasta todas as preocupações».*

Este livro é para o Craig.

ÍNDICE

Introdução	15
A Biblioteca como Mito	19
A Biblioteca como Ordem	43
A Biblioteca como Espaço	67
A Biblioteca como Poder	89
A Biblioteca como Sombra	101
A Biblioteca como Forma	119
A Biblioteca como Acaso	147
A Biblioteca como Oficina	157
A Biblioteca como Mente	169
A Biblioteca como Ilha	187
A Biblioteca como Sobrevivência	203
A Biblioteca como Esquecimento	217
A Biblioteca como Imaginação	229
A Biblioteca como Identidade	247
A Biblioteca como Lar	259
Conclusão	269
Agradecimentos	273
Notas	275
Créditos das Imagens	291
Índice Remissivo	293



Tudo o que resta de uma biblioteca ateniense: uma inscrição informativa de que o horário de abertura é «entre a primeira e a sexta horas» e que «é proibido levar obras da biblioteca».

INTRODUÇÃO

Sempre tive este humor andarilho (embora não com êxito igual) e, como um cão de caça que ladra a cada pássaro que vê, largando a presa, persegui tudo excepto o que devia, e posso justificadamente queixar-me, e verdadeiramente (pois quem está em todo o lado não está em lugar algum) [...], de que li muitos livros, mas com pouco propósito, por carecer de um bom método; tropecei, confusamente, em diversos autores nas nossas bibliotecas, com pouco proveito, por falta de arte, de ordem, de memória e de juízo.

Robert Burton, *Anatomia da Melancolia*

O ponto de partida é uma pergunta. Fora da teologia e da literatura fantástica, poucos duvidam de que as principais características do nosso universo sejam a escassez de significado e a falta de propósito discernível. E, no entanto, com um optimismo desconcertante, continuamos a reunir em prateleiras e prateleiras de bibliotecas, sejam elas materiais, virtuais ou de outro tipo qualquer, todos os pedacinhos de informação que conseguimos encontrar em rolos, livros e *chips* informáticos, pateticamente decididos a conferir ao mundo uma aparência de sentido e de ordem, sabendo perfeitamente que, por mais que gostássemos de acreditar no contrário, os nossos esforços estão tristemente condenados ao fracasso.

Porque o fazemos, então? Embora soubesse desde o início que a pergunta ficaria muito seguramente por responder, pareceu-me que a demanda valia a pena. Este livro é a história dessa demanda.

Mais interessado nos nossos intermináveis esforços coleccionistas do que na sequência ordenada de datas e nomes, comecei há vários anos não a compilar mais uma história das bibliotecas nem a acrescentar outro tomo à já assustadoramente extensa colecção de livros sobre bibliotecnologia, mas meramente a dar conta do meu

assombro. «Devíamos, sem dúvida, achar tão comovente quanto inspirador que a nossa raça não deixe de trabalhar num campo do qual o êxito foi desterrado»¹, escreveu Robert Louis Stevenson há mais de um século.

As bibliotecas, sejam as minhas, sejam as que partilhei com um público mais vasto de leitores, sempre me pareceram lugares agradavelmente loucos, e, desde que me lembro, sempre me seduziu aquela sua lógica labiríntica que sugere que a razão (senão a arte) impera sobre uma disposição cacofónica de livros. Sinto um prazer aventureiro em perder-me entre estantes apinhadas, supersticiosamente confiante de que qualquer hierarquia estabelecida de letras ou números me conduzirá, um dia, a um destino prometido. Os livros são desde há muito instrumentos das artes divinatórias. «Uma grande biblioteca», meditou Northrop Frye num dos seus muitos caderninhos, «possui realmente o dom das línguas e um vasto poder de comunicação telepática.»²

Foi sob a influência dessas agradáveis ilusões que passei meio século a coleccionar livros. Imensamente generosos, os meus livros não me fazem nenhuma exigência, antes me oferecem todo o tipo de iluminação. «A minha biblioteca», escreveu Petrarca a um amigo, «não é uma colecção inculta, embora pertença a um inculto.»³ Tal como os livros de Petrarca, os meus sabem infinitamente mais do que eu e agradeço-lhes por sequer tolerarem a minha presença. Por vezes, sinto que abuso desse privilégio.

O amor às bibliotecas, como a maioria dos amores, tem de ser aprendido. Ninguém que entre pela primeira vez numa sala feita de livros pode saber instintivamente que comportamento ter, o que se espera, o que se promete, o que é permitido. Podemos ser dominados pelo horror — por causa da barafunda ou da vastidão, do silêncio, do desdenhoso lembrete de tudo o que não sabemos, da vigilância — e parte dessa sensação esmagadora pode perdurar, mesmo depois de aprendermos os rituais e as convenções, cartografarmos o território, concluirmos que os nativos são amigáveis.

Na minha juventude temerária, enquanto os meus amigos sonhavam com feitos heróicos nos campos da engenharia e do direito, da finança e da política nacional, eu sonhava ser bibliotecário. A preguiça e uma predilecção incontida por viajar ditaram que assim não fosse. Agora, contudo, chegado aos 56 anos (que, segundo Dostoiévski n’*O Idiota*, é «a idade em que se pode justificadamente dizer que começa a verdadeira vida»), regressei a esse ideal precoce e, embora não me possa propriamente chamar bibliotecário, vivo continuamente entre estantes em constante multiplicação, cujos limites começam a confundir-se ou a coincidir com os da própria casa. O título deste livro devia ter sido *Viagem à Volta do Meu Quarto*. Lamentavelmente, o famoso Xavier de Maistre adiantou-se-me em mais de dois séculos.

ALBERTO MANGUEL, 30 de Janeiro de 2005

A BIBLIOTECA COMO MITO

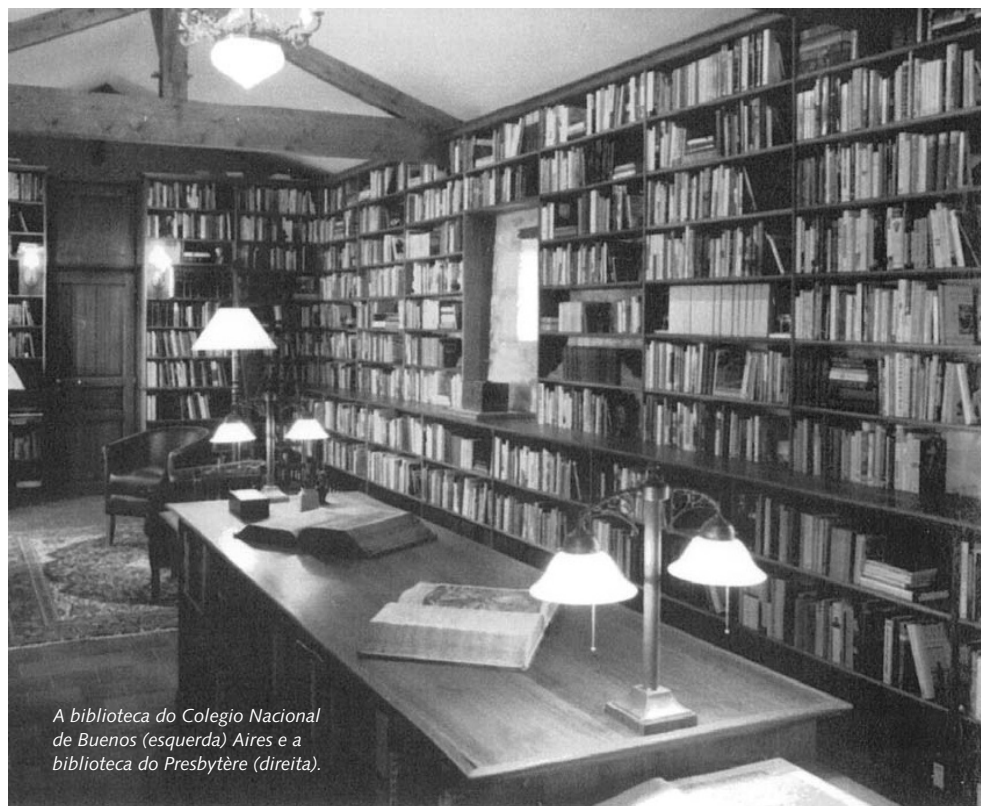
*A noite, que a teologia pagã fez filha do Caos,
não oferece vantagem nenhuma à descrição da ordem.*

Sir Thomas Browne, *The Garden of Cyrus*

A biblioteca em que finalmente reuni os meus livros começou a vida, por volta do século xv, na forma de um celeiro alcandorado numa pequena colina a sul do Loire. Nos últimos anos antes da era cristã, os romanos erigiram aqui um templo a Dionísio, para honrar o deus desta região produtora de vinho. Doze séculos depois, uma igreja cristã substituiu o deus do êxtase ébrio por um deus que transformou o próprio sangue em vinho. (Tenho uma imagem de um vitral que mostra uma vinha dionisiaca a nascer da chaga do lado direito de Cristo.) Mais tarde, os aldeões acrescentaram à igreja uma casa para alojar o padre e, posteriormente, juntaram a esse presbitério um par de pombais, um pequeno pomar e um celeiro. No Outono de 2000, altura em que vi pela primeira vez os edifícios que hoje constituem a minha casa, tudo o que restava do celeiro era um muro de pedra que separava a minha propriedade de um galinheiro e do campo do vizinho. Diz a lenda da aldeia que, antes de pertencer ao celeiro, o muro pertencera a um dos dois castelos que Tristan L'Hermite, ministro de Luís XI de França e famoso pela sua crueldade, construiu para os filhos por volta de 1433. O primeiro castelo ainda está de pé, embora muito alterado durante o século xviii. O segundo ardeu há três ou quatro séculos,



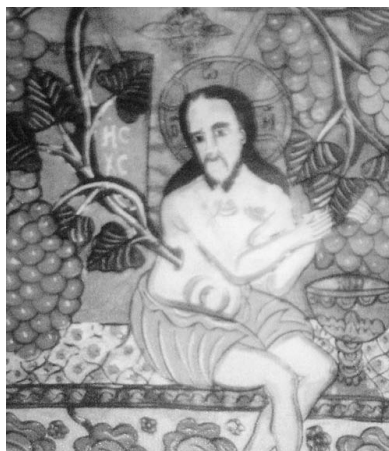
e o único muro que restou, com um pombal numa extremidade, tornou-se propriedade da igreja, delimitando um lado do jardim do presbitério. Em 1693, depois de ser aberto um cemitério novo para acolher o crescente número de mortos, a população da aldeia («reunida à porta da igreja», diz a escritura) concedeu ao padre responsável a autorização de anexar o velho cemitério e plantar árvores de fruto sobre os túmulos vazios. Na mesma altura, o muro do castelo foi utilizado para fechar um novo celeiro. Depois da Revolução Francesa, as guerras, as tempestades e a negligência conduziram à ruína do celeiro, que nunca mais foi reconstruído, mesmo depois de os serviços religiosos serem retomados na igreja em 1837 e de



A biblioteca do Colegio Nacional de Buenos (esquerda) Aires e a biblioteca do Presbytère (direita).

um novo padre ir viver para o presbitério. O muro antigo continuou a servir como divisor de propriedades, dando para o campo de um lavrador de um lado e fazendo sombra à magnólia e às hortênsias do presbitério do outro¹.

Assim que vi o muro e as pedras espalhadas em volta, soube que seria aqui que construiria a divisão para albergar os meus livros. Tinha em mente uma imagem definida de uma espécie de cruzamento entre o salão comprido de Sissinghurst (a casa de Vita Sackville-West, no Kent, que visitara pouco antes) e a biblioteca do meu antigo liceu, o Colegio Nacional de Buenos Aires. Queria uma sala de lambris de madeira escura, com pequenos focos de luz



*Vitral em Chinon que mostra Cristo como a videira que dá vida (esquerda).
A Long Hall Library, em Sissinghurst (direita).*

Palácio-navio de mármore da imperatriz Cixi (página ao lado).

e cadeiras confortáveis, e um espaço adjacente, mais pequeno, no qual instalaria a minha secretária e os livros de consulta. Imaginava prateleiras que começavam à altura da minha cintura e subiam só até às pontas dos meus dedos com o braço esticado, uma vez que, diz-me a experiência, os livros condenados a alturas que exigem escadas, ou a profundidades que forçam o leitor a rastejar pelo chão, recebem muito menos atenção do que os seus colegas a meia altura, independentemente do seu assunto ou mérito. Mas essas disposições ideais teriam exigido uma biblioteca três ou quatro vezes maior do que o desaparecido celeiro e, como Stevenson tão melancolicamente expressou, «tal é a amargura da arte: vemos um bom efeito e intervir continuamente uma insensatez qualquer sobre o sentido»². Por necessidade, a minha biblioteca tem prateleiras que começam logo acima do rodapé e terminam a um *in octavo* das vigas do tecto.

Durante a construção da biblioteca, os pedreiros descobriram duas janelas no velho muro, há muito tapadas por tijolos. Uma consiste numa fresta estreita através da qual os arqueiros possivelmen-



te terão defendido o filho de Tristan L'Hermite quando os camponeses se revoltaram; a outra é uma janela quadrada baixa protegida por barras de ferro medievais forjadas algo toscamente em forma de caules com folhas pendentes. Destas janelas, durante o dia, consigo ver as galinhas do meu vizinho a correr de um lado para o outro no seu recinto, a bicar aqui e ali, desvairadas pelo excesso da oferta, como eruditos loucos numa biblioteca; das janelas da parede nova, no lado oposto, vejo o presbitério e as duas velhas sóforas do meu jardim. Mas à noite, quando os candeeiros da biblioteca se acendem, o mundo exterior desaparece e nada existe além deste espaço de livros. A alguém que esteja lá fora, no jardim, a biblioteca à noite parece um vasto navio, como aquela estranha *villa* chinesa que, em 1888, a caprichosa imperatriz Cixi ordenou que se construísse, em forma de navio abandonado, no lago do jardim do seu Palácio de Verão. No escuro, com as janelas iluminadas e as fileiras de livros a brilhar, a biblioteca é um espaço fechado, um universo de regras próprias que fingem substituir ou traduzir as regras do universo informe lá fora.

Durante o dia, a biblioteca é um reino de ordem. Desloco-me nos corredores de letras e através deles com um propósito concreto, em busca de um nome ou de uma voz, convocando livros para a minha atenção segundo o seu posto e a classificação que os designa. A estrutura do lugar é evidente: um labirinto de linhas rectas, não para nos perdermos mas para nos encontrarmos; uma sala dividida que segue uma sequência aparentemente lógica de classificação; uma geografia que obedece a um índice predeterminado e a uma hierarquia memorável de letras e números.

À noite, porém, o ambiente muda. Os sons tornam-se abafados, os pensamentos, mais audíveis. «Só ao cair da noite é que a coruja de Minerva levanta voo», disse Walter Benjamin, citando Hegel³. O tempo parece mais próximo daquele momento a meio caminho entre a vigília e o sono, quando o mundo pode ser comodamente reimaginado. Os meus movimentos parecem involuntariamente furtivos; a minha actividade, um segredo. Transformo-me numa espécie de fantasma. Os livros são agora a presença real e eu, o seu leitor, através de rituais cabalísticos de letras semivislumbradas, é que sou convocado e atraído para um certo volume e uma certa página. A ordem decretada pelos catálogos é, à noite, meramente convencional; nas sombras, não conserva prestígio algum. Embora a minha biblioteca não tenha um catálogo autoritário, até ordens mais moderadas como uma disposição alfabética por autor ou divisão em secções de línguas vêem o seu poder diminuído. Livres das restrições quotidianas, sem ninguém que os observe a esta hora tardia, os meus olhos e as minhas mãos vagueiam imprudentemente pelas fileiras arrumadas, restaurando o caos. Um livro chama outro, inesperadamente, e cria alianças entre diferentes culturas e séculos. Uma frase semi-recordada ecoa noutra por razões que, à luz do dia, permanecem obscuras. Se a biblioteca de manhã sugere um eco da severa e razoavelmente ilusória ordem do mundo, a biblioteca à noite parece rejubilar na essencial e alegre desordem do mundo.

No século I, no seu livro sobre a guerra civil romana que tivera lugar cem anos antes, Lucano descreve Júlio César a caminhar pe-

las ruínas de Tróia e observa que todas as grutas e bosques áridos lembravam ao seu herói as antigas histórias de Homero. «Há uma lenda em cada pedra»⁴, explica Lucano, descrevendo tanto a viagem repleta de peripécias de César quanto, no futuro longínquo, a biblioteca em que me sento agora. Os meus livros guardam entre as suas capas todas as histórias que já conheci e ainda recordo, ou que entretanto esqueci ou poderei um dia ler; preenchem o espaço que me envolve com vozes antigas e novas. Sem dúvida que também durante o dia estas histórias existem nas páginas, mas, talvez por causa da familiaridade da noite com as aparições de fantasmas e sonhos reveladores, elas adquirem uma presença mais vívida depois de o Sol se pôr. Percorro os corredores e vejo de relance as obras de Voltaire e oiço no escuro a fábula oriental de Zadig; algures à distância, o *Vathek* de William Beckford retoma o fio da história e passa-o aos palhaços de Salman Rushdie dentro das capas azuis dos *Versículos Satânicos*; outro Oriente ecoa na aldeia mágica do século XII de Zahirí, de Samarcanda, que por sua vez cede a narração aos infelizes sobreviventes de Naguib Mahfouz, no Egipto dos nossos dias. Dizem ao César de Lucano que caminhe com cautela pela paisagem troiana, a fim de não pisar fantasmas. À noite, aqui na biblioteca, os fantasmas têm voz.

Não obstante, a biblioteca à noite não é para todos os leitores. Michel de Montaigne, por exemplo, discordava da minha soturna preferência. A biblioteca de Montaigne (que falava de *librairie*, não *bibliothèque*, uma vez que a acepção destas palavras começava a mudar no vertiginoso século XVI) ficava no terceiro andar da sua torre, num antigo espaço de arrumos. «Ali passei a maior parte dos dias da minha vida e a maior parte das horas do dia. Nunca lá estou de noite», confessa. À noite, Montaigne dormia, pois acreditava que o corpo já sofria suficientemente durante o dia à conta da mente leitora.

Os livros têm muitas qualidades agradáveis para quem os saiba escolher, mas não há bem que nos venha sem esforço; não é um prazer simples e puro, não mais do que outros; tem os seus desconfortos,

ÍNDICE REMISSIVO

- Abd al-Rahman 171
 Agostinho, Santo 48, 189, 276, 285
 Akhmatova, Anna 224
 Alembert, Jean le Rond d' 81-82, 278
 Alexandria, Colectivo de Estudiosos da
 Biblioteca de. Ver Biblioteca, de
 Alexandria (moderna) 77-78
 alfabética, organização 24, 37, 54, 56-57, 59,
 64-65, 83, 273
 al-Maghribi, Abul-Qasim 57
 al-Mansur, Abi-Amir 115
 al-Nadim, Ibn 56-57, 225
 al-Qalqashandi (erudito egípcio) 225
 al-Rahman, Abd 171
 Ammanati, Bartolomeu 142
 Amnistia Internacional 118
 Anderson, Hans Christian 95-96
 Aristarco de Samotrácia 104
 Aristófanos de Bizâncio 55, 104
 Aristóteles 29, 40, 170, 189-190, 247, 267
 Arquimedes 36
 arquivos/arquivismo 43, 76, 83, 102, 110, 113,
 151, 160, 182, 253
 Assurbanípal (rei) 92-93, 103-104
 Ateneu de Náucratis 35
 Atwood, Margaret 56, 210
 Auden, W.H. 107
 Auschwitz, campo de concentração 204,
 207, 210, 286
 Avicena (Abou Ali El-Hossein Ibn Sina) 57
- Babel, Torre de 28-29, 31-32, 34, 47, 78, 119,
 194, 259, 279
 Baker, Nicholson 73-74, 79, 278
 Bakhtin, Mikhail 238, 288
- Baldwin, James 223, 287
 Balzac, Honoré de 174, 229
 Battin, Patricia 74
 Becker, May Lamberton 44
 Beckett, Samuel 211
 Beckford, William 25
 Beda, o Vulnerável 195-196, 285
 Bell, Vanessa 277
 Benjamin, Walter 24, 47-48, 127, 194, 196,
 275-276, 285
 Bentley, Richard 249
 Bento XVI (papa). Ver Ratzinger, Joseph
 (cardeal) 109
 Berbérova, Nina 224, 287
 Bergen-Belsen, campo de concentração
 208
 Biblioteca
 Abadia de São Galo (Suíça) 125
 Aby Warburg 4, 169, 173-174, 184, 283-284
 Alexandria 28-29, 31-34, 36-41, 43, 47,
 54-55, 58, 60, 77-78, 104, 110, 246,
 259, 270
 Althorp, escada da 69, 71
 Ambrosiana (velha; Milão) 93, 124, 281
 à noite 19, 23-28, 40-41, 43, 47, 61, 64, 68,
 73, 81, 87, 102, 109, 123, 134, 153, 158,
 160, 162, 167-169, 190, 211, 229-230,
 232, 237, 249, 260, 285
 Bagdade, Arquivos Nacionais de 225
 Bibliothèque de France 124-125
 Bibliothèque Nationale (Paris) 131, 135,
 240, 254-255, 289
 Bodleiana 44, 78
 Bucara 57-58
 Carnegie de Jackson (Mississipi) 99
 Carnegie de Reading (Pensilvânia) 99

- Carnegie (Jackson, Mississipi) 93, 97-99, 279
 Casa de Buckingham 120, 124
 Catalunya (Barcelona) 120, 125
 Centre Pompidou (Paris) 123
 Colegio Nacional de Buenos Aires 21, 105
 Congresso (EUA) 32, 49, 73-75, 80, 102, 245-246
 Cossitt (Memphis, Tennessee) 223
 Estado de Nova Iorque 61
 Evangélica do Doulos (navio) 244
 Fatimida (Cairo) 116
 Fórum de Trajano (Roma) 143
 Freie Universität (Berlim) 123, 125
 Geneytouse 244
 Grande Biblioteca Corvina 116
 grutas budistas (Mogao, China) 151
 Habott, sala de leitura (Mauritânia) 150
 Harvard 78, 275, 277, 279, 282, 285-286, 289
 Herzog August Bibliothek (Wolfenbüt-
 tel) 90
 Hitler 184, 205-206, 245-246, 288
 Imperial Chinesa 23
 Imperial (Viena) 51, 218
 Laurenciana (Florença) 136, 139, 141-144
 Londres 49, 273
 mosteiro carolíngio 126
 Museu Britânico 133-134, 154, 156, 250-252
 Nacional de Bagdade 224-225
 Nacional de Buenos Aires 21, 72, 231, 233, 270, 278-280, 283, 285, 287
 Nacional do Líbano 256
 Nacional Itália 248
 na infância 175, 208
 Pai Natal (Finlândia) 244
 Pérgamo 29, 31, 143-144
 Petrarca 16, 248, 250
 Poitiers 253-254, 273, 275
 Pública de Nova Iorque 78
 Pública do Bairro de Queens 257
 São Francisco 72-73
 Sholem Aleichem (Polónia) 204
 Sissinghurst (salão comprido) 21-22
 Stanford 78
 submarino do capitão Nemo 69, 242-243
 Theresienstadt, gueto de 213, 215
 Turguéniev (Paris) 224
 Turim, Instituto de Química de 106, 281
 Universidade de Freiburg 125
 Vaticano 70, 114, 273
 Wolfenbüttel 90-91, 125-126
 Yeshiva de Lublin 205
 Binswanger, Otto e Ludwig 181
 Birkenau, campo de concentração 207-209, 215
 Birkenhead, Sir John 238
 Blake, William 109, 280, 283
 Boileau-Despréaux, Nicolas 63
 Borges, Jorge Luis 50, 63, 86, 163-166, 170, 191-192, 231-233, 247, 259, 276, 278, 283, 287
 Borzykowski, Tuvia 205, 285
 Boswell, James 219
 Bottéro, Jean 103, 280, 287
 Boullée, Etienne-Louis 127
 Bruegel, Pieter 34
 Broch, Hermann 290
 Brodsky, Joseph 37, 107, 276, 280
 Browne, Sir Thomas 19, 229, 238-239, 267-268, 287-288, 290
 Brown, Margaret Wise 44
 Buber, Martin 211, 286
 Buda 81, 116, 150, 230, 281
 Buenos Aires 21, 47, 69, 72, 105, 163-166, 170, 191, 193, 231, 233, 269-270, 278-280, 283, 285, 287
 Bülow, Bernhard von 204
 Bulwer-Lytton, Edward 160
 Bunin, Ivan Alekseevich 63
 Burckhardt, Jacob 159, 282
 Burton, Robert 15, 279
 Caistor, Nick 212-213
 Calderón de la Barca, Pedro 209, 247
 Calímaco 54-55, 57, 65, 77
 Camões, Luís de 187
 campos de concentração 204, 207-209
 Canetti, Elias 40
 Canfora, Luciano 34, 226, 275-276, 280, 287
 Carlos I 249
 Carlyle, Thomas 48, 94, 252-253, 279
 Carnegie, Andrew 77, 93-100, 279
 Carnegie, Will 94
 Carroll, Lewis 67, 70, 278
 Carson, Anne 48
 Casares, Adolfo Ríoy 50, 63, 191, 285

- Cassirer, Ernst 173-174, 178, 283-284
 Castro, Fidel 109
 catálogo(s) 24, 52-58, 65, 69, 100, 104, 169,
 173, 234, 240, 251, 254
 Caxton, William 69
 Cellini, Benvenuto 137
 censura 102, 109, 116-117, 191, 195
 Cervantes, Miguel de 92, 160, 162, 247,
 279, 283
 César, Júlio 24-25, 39, 58, 212, 288
 Chalamov, Varlam 107, 269, 280
 Chambers, Ephraim 82
 Chandler, Raymond 49
 Charpentier, Maïa 246
 Chesterton, G.K. 50, 165, 247, 276
 Christie, Agatha 49
 Cícero 72, 159, 235, 238, 282
 citações 194, 275, 287-288
 Cixi, imperatriz (China) 22-23
 Clemenceau, Georges 232
 Clemente, José Edmundo 232
 Clemente VII (papa) 137
 coleção 15-16, 33, 38-39, 44, 46, 49-51, 55,
 60, 68, 73-74, 77, 90, 102, 115, 117,
 123, 125, 127, 137, 151, 154, 156, 173,
 182, 184-185, 187, 208, 218, 223-224,
 227, 238, 245, 249-250, 252, 254-255,
 259
 coleções 29, 32, 38, 46, 59, 72, 74, 102, 113,
 127, 137, 154, 165, 194, 205-206, 225-
 226, 242, 249-250, 252, 255
 Coleridge, Samuel Taylor 26-27, 244, 275
 Colette 148, 240, 288
 computadores 76
 Conrad, Joseph 35, 247
 Conti, Haroldo 107
 Cortázar, Julio 37, 106
 Corvino, rei Matias 116
 Cotton, Sir Robert 50, 249
 Cozarinsky, Edgardo 170, 290
 Cristo 19, 22, 110, 202, 272
 Cromberger, Jacobo 112-113
 Cusa, Nicolau de 194, 285
 CyberBook Plus 77
 dados 54, 65, 75-77
 Dante 70, 166, 210, 214, 231, 265-266, 286,
 290
 Decembrio, Angelo 70
 Dee, John 249
 Defoe, Daniel 48, 187-189, 201
 Delessert, Benjamin 127, 130
 Dennys, Louise 247, 274
 desejo 28-29, 81, 92, 100, 184, 190, 248, 271
 Devoto, Andrea 208
 Dewey, Melvil 61-63, 65, 149, 277
 Diamante, Sutra do (mais antigo livro
 impresso do mundo) 154-155
 Dickens, Charles 107, 192, 239, 241, 277
 Diderot, Denis 81-86, 236, 278
 Dinesen, Isak 170
 Dionísio 19
 Domesday Book 75-76, 278
 Dostoiévski, Fyodor 17, 107
 Douste-Blazy, Phillipe 116
 Drácula, conde Vladislaus 260-262, 264
 Duguid, Paul 198, 285
 Dunhuang, grutas de 150-153
 Durán, Diego 114, 281
 Dürrenmatt, Friedrich 160
 Eco, Umberto 147, 242
 Eddas (manuscrito dinamarquês) 117
 Edelstein, Jacob 212, 215
 Ehrenburg, Ilya 224
 Eisner, Will 197, 285
 Eliot, George 43, 242, 279
 empréstimo de livros 60, 73, 102, 254
 enciclopédias 45, 52-54, 56, 83-84, 86-87,
 157, 163-165, 175
 engramas, símbolos e 28, 81, 93, 115, 130,
 176, 178, 180-182, 220
 Erasmo, Desidério 160, 235, 237, 266-267,
 290
 escritores 45, 83, 107, 158-159, 162-163, 166,
 191, 209, 224, 237, 246
 escritório 157-160, 162-163, 166-168
 escuridão, efeitos da 123, 169, 196, 229-231,
 263, 272, 289
 Êsquilo 101
 Estaing, Valéry Giscard d' 92, 279
 estantes 16-17, 27, 32, 40, 44-46, 50, 58-59,
 68-70, 73, 78, 84, 106-107, 122, 127,
 130, 133-135, 143, 147, 149, 156, 163-
 165, 169, 193-194, 209-210, 212, 254,
 260-261, 271

- Este, Leonello d' 70
 Estrabão (geógrafo grego) 34, 275-276
 estupas 81
 Euclides 36
 Ewart, William 93
- Faulkner, William 37, 192
 Febvre, Lucien 237, 288-289
 Felipe da Macedónia 226
 Ferdusi (Abdul Kasim Mansar) 221
 Fielding, Henry 229, 287
 Fihrist (compêndio antigo) 57, 277
 Fitzgerald, Penelope 272, 290
 Flaubert, Gustave 86, 278
 Fócio 226
 fotografia 78-79
 Frankenstein, monstro de 263-265, 289
 Frederico IV (rei da Dinamarca) 117
 Freud, Sigmund 205
 Frye, Northrop 16, 190, 272, 275, 290
- Gaer, Joseph 48
 Gaos, Vicente 48
 García, Germán 64, 108, 276-277, 280
 Gary, Romain 212, 286
 Gates, William 196
 George, Donny 43, 172, 226, 242, 259, 277, 279-280, 282
 Gibbon, Edward 165, 219, 286
 Gide, André 205
 Gill, Eric 50
 Ginzberg 48, 275, 287
 Ginzberg, Louis 48, 275, 287
 Goebbels, Joseph 205
 Goethe 63, 166, 176, 190, 210, 262, 283, 285
 Golding, Arthur 48
 Góngora y Argote, Luis de 48
 Google 78, 198
 Gordiano, o Jovem, imperador 218-219
 Gosse, Edmund 251, 289
 Greene, Graham 209, 286
 Green, Henry 64, 277
 Green, Julian 47
 Gretser, Jacob 109-110
 Grimm, irmãos 44
 Grivel, Guillaume 83, 278
 Groussac, Paul 232
- Guarino, Battista 70, 158, 282
 Guicciardini, Francesco 137
 Guilherme III 249
 Guilherme II, Kaiser 203
 Gutenberg, Projecto (PG) 198
- Haia, Conferência de Paz de (1908) 203, 206
 Hamurabi, Código de 103, 227
 Hedayat, Sadegh 37
 Hegel, Georg Wilhelm Friedrich 24
 Heine, Heinrich 165, 208
 Hémon, Louis 69
 Henrique VIII 249
 Hering, Ewald 176, 284
 Herondas (poeta grego) 33
 Hesse, Hermann 47
 Hikmet, Nâzim 107
 Hipócrates 237
 Hitler, Adolf 184, 205-206, 245-246, 288
 Hoessler, Franz 215
 Hoffmann, Heinrich 44
 Holmes, Oliver Wendell 80, 192, 278
 Homero 25, 48, 104, 148, 190, 196, 200, 242, 259
 Hope, A.D. 110, 280
 Hugo, Victor 160, 208, 212, 242, 286
 Huxley, Aldous 101
 Huysmans, Joris Karl 69, 242
- Ibn al-Nadim 56, 225
 Iliada 199
 imortalidade, ilusões de 35-36, 92, 104, 115, 190, 234, 265, 269
 Inferno, representações do 210, 214, 231, 284, 286
 informação, acumulação de 15, 28, 39, 76, 89, 104, 117, 165, 177, 197, 214, 284, 290
 injustiça 210
 Internet 32, 35, 78, 117-118, 189, 257
 Isabel I 53, 249
- Jaime I 249
 Jama'a, Ibn, conselho aos leitores 167, 283
 James, Henry 147, 165, 251, 282
 Jefferson, Thomas 73, 230, 245, 286

- João, São (apóstolo) 162, 230, 271
 Johnson, Lionel 69
 Johnson, Samuel 89, 219
 Jorge II 250
 Juízo Final, fresco do 170-171
 justiça 97, 211, 227
- Kafka, Franz 35, 247, 276
 Kastner, Georges 253
 Keats, John 26, 48
 Keller, Helen 205
 Khalikan, Ahmad ibn Muhammad 54
 Khan, Genghis 152, 287
 King, Cyril 71, 73, 285
 Kipling, Rudyard 160-161, 165, 240, 288
 Kodama, Maria 166
 Korb, Hermann 224
 Korn, Rachel 224
 Krass, Peter 98, 279
 Kremer, Johann Paul 210, 286
- Labrouste, Henri 130-131, 134
 Landa, Diego de (arcebispo do Iucatão)
 110-111, 114, 280
 Larbaud, Valéry 45
 Laurence, Margaret 170
 Lawrence da Arábia 259
 Leão X (papa) 137
 Le Breton, André-François 69, 82
 Leibnitz, Gottfried Wilhelm 89-90
 Le Pen, Jean-Marie 116
 Lessing, Doris 64, 175-176
 Lessing, Gotthold Ephraim 175
 Lete (Esquecimento) 214, 217, 220
 Levi, Primo 106-107, 280, 282
 Lévi-Strauss, Claude 48
 l'Hermite, Tristan 19, 23
 Líbano 254-256
 librairie 25
 Lívio, Tito 39, 72
 Llosa, Mario Vargas 164
 Lobato, Monteiro 44
 Louvre, Museu do 127, 227
 Lovecraft, H.P. 241, 288
 Lucano, Marco 24-25, 34, 226, 237, 275, 280,
 287
 Luís XV 84
- luz, efeitos da 21, 43, 47, 90, 123, 130, 138,
 150, 160, 169, 229-231, 287
- Macaulay, Rose 170
 MacLeish, Archibald 102, 280
 Maghribi, Abul-Qasim al- 57
 Magnusson, Arni 117
 Mahfouz, Naguib 25
 Maistre, Xavier de 17
 Malesherbes, Lamoignon de 84
 Mallarmé, Stéphane 36, 276
 Mandelstam, Osip 224
 Mangan, James T. 196
 Mann, Heinrich 205
 Mann, Thomas 208
 Mansur, Abit-Amir al- 115
 Manúcio, Aldo 266
 Maquiavel, Niccolò 167, 169
 Mármol, José 232
 Martínez, Tomás Eloy 49
 Mary (Rainha dos Escoceses) 48, 264, 289
 Masson, Paul 240-241
 Mauro, Terenciano 48
 May, Karl 44, 246, 277-278
 McCarthy, Joseph 48, 109
 McCarthy, Mary 48
 McLuhan, Marshall 278
 Melot, Michel 123, 276, 281
 Melville, Herman 35, 63
 memória 15, 33-35, 37-39, 46-47, 57-58, 65,
 98, 115, 166-167, 170, 172-173, 176-
 178, 182, 184, 189, 194, 205, 217, 219,
 221, 227, 237, 240, 257, 262, 265, 271
- Mencken, H.L. 100, 279
 Michaels, Anne 247
 Michelet, Jules 242
 Miguel Ângelo 136-139, 141-145, 282
 Milton, John 166, 231, 262, 283
 Mistry, Rohinton 211
 Mnemósine, painéis de Warburg 178,
 182-183
 Montaigne, Michel de 25-26, 267, 275
 Moore, Patrice 72-73
 More, Thomas 235, 237, 275
 Morrison, Thomas 94, 279
 Musée de l'Oeuvre Notre Dame 152
 Museu Arqueológico de Bagdade 77, 224,
 226

- Musil, Robert 218, 286
- Naudé, Gabriel 79-80, 268, 278, 290
- Neruda, Pablo 107
- Nerval, Gérard de 49
- Nietzsche, Friedrich 181
- Nobel, Comité de Prémios 220
- Nuwas, Abu 172
- O'Brien, Flann 218, 286
- Ocampo, Silvina 191
- Ocampo, Victoria 231
- Odisséia 37, 190, 192, 259
- Omar I, califa 40, 110
- Orwell, George 172
- Otero, Blas de 170
- Ouadane, oásis de 149
- Ovídio 48, 54, 171, 209-210, 238
- Pablos, Juan (Giovanni Paoli) 112
- Pacioli, Luca 145, 282
- Panizzi, Sir Antonio 133-134, 250-253, 258, 289
- Patriótico, Acto (Estados Unidos da América) 116
- Paulo III (papa) 111
- Paulo, São (apóstolo) 202
- Pepys, Samuel 43-44, 61, 276-277
- pergaminho 77, 170, 237
- Perón, general Juan 92, 231, 279
- Petrarca 248
- Petrarca, Francesco 16, 26, 217, 219, 248, 250, 267, 275, 289
- Pinochet, general Augusto 108
- Pinto, Fernão Mendes 188
- Platão 55, 114, 119, 143, 170, 235, 237, 267, 285
- Plínio, o Jovem 45, 276
- Plínio, o Velho 230
- Plutarco 39, 262, 265, 289
- Polegar, general Tom 240
- Pólio, Asínio 58-59
- Polixena (vítima) 210-211
- Polo, Marco 152
- Potter, Beatrix 45, 109, 280, 289
- Pound, Ezra 47
- Prescott, William 111, 113, 280
- progresso, ilusão de 201
- Propércio, Sexto 54
- Proust, Marcel 166, 192, 205
- Ptolemeus, reis 31, 36, 38
- Qalqashandi, al- (erudito egípcio) 225
- Quevedo, Francisco de 41, 276
- Rabelais, François 233-238, 242, 287-288
- Rafael (pintor) 137
- Rais, Shah Muhammad 221
- Ratzinger, Joseph (cardeal) 109
- Raverat, Gwen, ilustração de 239
- Rimbaud, Arthur 48
- Rockwood, Roy 44
- Rorty, Richard 268, 290
- Rosenberg, Alfred 206, 286
- Rosensaft, Yossel 215
- Rothenberg, Jeff 76
- Roudaut, Jean 271, 290
- Rousseau, Jean-Jacques 181, 267, 290
- Ruhnken, David 104
- Rulfo, Juan 172
- Rushdie, Salman 25
- Ryback, Timothy W. 245, 288
- Sabá, rainha do 217
- Sahagún, frade Bernardino de 114
- Saint-Priest, Etienne Dumont 244
- Salgari, Emilio 44, 72
- Sand, George 242
- São Paulo, São (apóstolo) 202
- Saxl, Fritz 173, 177, 179, 181-182, 284
- Sayers, Dorothy L. 232, 247
- Schama, Simon 48
- Schipper, Yitzhak 208
- Schmidt, Arno 160
- Semon, Richard 178, 284
- Sêneca, Lúcio Aneu 86, 122, 166, 237, 265-266, 278, 281, 283, 289
- Shakespeare, William 50, 230, 247, 287-288
- Shaw, T.E. Ver Lawrence da Arábia 259
- Shearer, Rhonda Roland 77
- Shelley, Mary. Ver Frankenstein 240, 264, 289
- Shotoku, imperatriz (Japão) 80

- Sículo, Diodoro 34, 226
 Siddhartha, príncipe, . Ver também Buda
 47, 152, 199
 Sikorskaja, Elena 290
 Sloane, Sir Hans 249-250
 Smith, Logan Pearsall 64
 Snøhetta (gabinete de arquitectura) 32
 Sócrates 189, 240
 Sófocles 101, 118
 Song Taizong, imperador 53
 Spencer, conde de 69
 Stein, Aurélio Marco 153-154, 156, 282
 Steiner, George 259
 Stendhal 49, 107, 231
 Stevenson, Robert Louis 16, 22, 148, 157,
 165, 170, 251, 275, 282
 Stoker, Bram. Ver Drácula, conde Vladislaus
 262, 289
 Stoppard, Tom 118, 281
 Suleimão I, sultão 116
- Tácito 115, 281
 Tao, Shi 117
 Tarazi, visconde Phillipe de 254-255
 Tayfur, Abu Tahir 55
 Tchékhov, Anton 49
 tecnologia 35, 78, 94, 196, 198, 253, 269
 Teopompo 226
 Thomas, Dylan 230, 287
 Tolstoi, Leon 107, 208
 Traherne, Thomas 267, 290
 Twain, Mark 165
- Updike, John 99, 279
 Urquhart, Thomas 238
- Varrão, Marco Terêncio 58
 Vasari, Giorgio 142-143, 282
- Veronese, Guarino 158
 Vieira, Padre António 187
 Vigil, Constancio C. 44
 Vinci, Leonardo da 145
 vingança, impulso de 210
 Virgílio (Publius Vergilius Maro) 35, 58, 72,
 143, 158, 217, 267, 286
 Volney, C.-F. 262
 Voltaire 25
 Von Bülow, Bernhard. Ver Bülow, Bernhart
 von 204
- Walsh, Jill Paton 247
 Wang Yuanlu 154
 Warburg, Aby, . Ver também Biblioteca de
 Aby Warburg 4, 169, 173-185, 187,
 278, 283-284, 289
 Washington, Booker T. 32, 73, 75, 222-223,
 245, 275, 285, 287
 Web 195-198, 270
 Weil, Simone 39
 Weinrich, Harald 220, 286
 Wells, H.G. 165, 205, 207, 276
 Welty, Eudora 99-100, 279
 Whitman, Walt 94
 Winchester, Sarah 84
 Woolf, Virginia 27, 159, 275, 283
- Xenofonte 242
- Yahoo! 117
 Yongle, Dadian. Ver enciclopédias 52
- Zola, Émile 90, 205, 211, 279
 Zumárraga, Juan de 111-114, 281
 Zweig, Stefan 205

A BIBLIOTECA À NOITE

foi composto em caracteres
Hoefler Text, e impresso
em papel Coral Book de 80 g,
pela Eígal, Artes Gráficas,
no mês de Setembro de 2016.

